

ALÉM DO TEMPO

ALÉM DO TEMPO

UMA HISTÓRIA DE

Micaely Moreira

EDITORA UICLAP

Título original
ALÉM DO TEMPO

Primeira publicação em
Apucarana, Paraná, Brasil.
2024

1ª Edição

Todos os direitos da obra
ALÉM DO TEMPO
reservados ao Autor

Copyright do texto © Micaely Moreira, 2024
Arte de capa — Canva.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Além do tempo / Micaely Moreira. -- 1. ed. --
Apucarana, PR : Ed. do Autor, 2024.

1. Ficção brasileira 2. Fantasia 3. Aventura infantojuvenil

CDD - 869.3

CDU - 821.134.3(81)

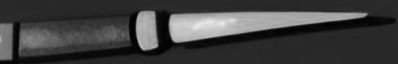
Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção infantojuvenil: Literatura brasileira B869.3

Dedico este livro ao meu marido, José Marcos.

— SUMÁRIO —

<u>CAPÍTULO 01</u>	<u>9</u>
<u>CAPÍTULO 02</u>	<u>39</u>
<u>CAPÍTULO 03</u>	<u>48</u>
<u>CAPÍTULO 04</u>	<u>57</u>
<u>CAPÍTULO 05</u>	<u>62</u>
<u>GLOSSÁRIO</u>	<u>63</u>



“APRENDA A RESPEITAR A SI MESMO,
OS OUTROS E A NATUREZA. ISSO É
IMPORTANTE. LEMBRE-SE: LUTE E
SEJA CORAJOSO.”



Capítulo 01

Em *Sankofa* grande cidade do Paraná, onde o céu era azul e os dias passavam devagar, dois amigos tomavam sol debaixo de uma árvore frutífera no parque de conservação ambiental *Dandara Palmares*, uma das poucas áreas verdes da cidade. Naquela época mangas eram comuns no parque.

Na cidade de *Sankofa*, a brisa era fresca e as folhas secas voavam com certa brutalidade, já que a cidade era popularmente conhecida por seus ventos intensos. Não só pelos ventos, mas também pelas lendas, heróis e símbolos; o próprio nome da cidade era um símbolo africano que remetia à ideia de que é importante aprender com o passado para poder avançar no presente e no futuro.

Talvez pelos costumes da cidade grande ou ainda pela alta tecnologia existente naquela cidade, a maioria de seus cidadãos era cético, ou seja, não acreditavam em nada que não pudessem ver. Mesmo assim, a cidade era envolta por magia, mesmo que seu povo não acreditasse. Bem ali, debaixo daquela árvore, havia um silêncio que parecia reinar há algum tempo. Os amigos, que trocavam olhares rápidos e insatisfeitos, pensavam em tantas coisas: coisas que

já haviam acontecido, coisas que pensavam que aconteceria e, pouco a pouco, suas mentes, que passeavam por lugares inimagináveis, retornavam para a realidade, retornavam para aquele instante desconfortável e tímido que vivenciavam.

— Já chega! Não aguento mais esse tédio.

Kaique, mais novo do que Alan, tinha 11 anos. Em questão de altura, era menor que seu amigo. Era também extremamente medroso; coragem era algo que lhe faltava em excesso, mas, além de ser medroso, em contradição, era cético, não acreditava em nada que não fosse possível ver, e, às vezes, mesmo vendo, ainda não acreditava. Era apenas uma criança, reflexo das pessoas da cidade, céticas. Tinha os cabelos encaracolados e curtos, os olhos castanhos grandes e inquietantes, que comprovavam seu estilo afetuoso. Sua pele negra harmoniosa ditava com beleza os traços do seu rosto. Era um capoeirista ativo, que frequentemente encontrava seus professores *Bimba* e *Pastinha*, tanto para pedir conselhos, quanto para *gingar* junto à comunidade capoeirista.

Gostava de roupas de cores vibrantes, vestia tecido *Kente*, de cor azul e estampas geométricas, que combinava com seu estilo calmo e cuidadoso. Kaique conhecia seu melhor amigo, Alan, desde que eram pequenos. Seguia sua liderança de olhos fechados, confiava muito nele. E já tinham

vivido muitas aventuras, desde acampamentos sob as estrelas até banhos na proibida cachoeira do Parque da Neblina, que era conhecida por ter onças. Nas brincadeiras entre os dois, Kaique sempre achava Alan criativo.

Kaique adorava expressar seus sentimentos, sorrindo o tempo todo, diferente de seu amigo, que dificilmente sorria ou demonstrava suas emoções.

— Não começa. Você sabe muito bem que só estamos aqui por causa daquela brincadeira boba — respondeu Alan, tentando evitar mencionar o ocorrido, que, para ele, na verdade, tinha sido divertido. Só não queria admitir para parecer mais adulto. Afinal, tinha 12 anos, era mais velho, não podia demonstrar que se divertia tanto assim, pensava ele, mesmo que realmente se divertisse bastante.

Usava roupas mais despojadas, largas e de cores escuras, gostava de vestir o tecido *Bogolan* e ainda tinha brincos nas orelhas. Alan tinha olhos amendoados e expressivos, sua pele negra tinha um tom profundo, e seus cabelos crespos e volumosos emolduravam seu rosto. Sua personalidade era marcante, cheia de liderança misturada com coragem, mas tinha dois grandes defeitos: sua curiosidade e sua dificuldade para expressar afeto. Isso acabava fazendo com que as pessoas se afastassem, pensando que ele não sentia nada por elas ou que não se importava, quando, na

verdade, se importava muito, só não conseguia demonstrar.

Alan se considerava alguém que era o contrário de cético e o contrário da cidade. Seu pai, Tadeu, e sua mãe, Carol, sempre lhe ensinaram a importância de honrar as tradições desde cedo. Todo sábado, eles caminhavam juntos até o alto da colina, passando pelo parque *Dandara dos Palmares*. O parque era um lugar cheio de vida e histórias, assim como a cidade *Sankofa*, uma cidade, onde as comunidades negras escravizadas se encontravam às escondidas para arquitetar planos para lutar contra a colonização. Sempre foi um lugar seguro e protegido para a comunidade.

A cidade, no começo, era bem pequena, mas com o tempo e com as lideranças negras à frente da cidade, ela foi expandindo seu território, tornando-se um grande centro.

Nessa cidade, a maior parte dos cidadãos são negros, e o governo possui muitas autoridades negras que lutaram e se estabeleceram no poder, e que hoje investem alto na cidade, tornando-se um exemplo para o Brasil. Atualmente, é a cidade mais avançada do país. Nas bibliotecas da cidade, não havia dificuldade em encontrar autores negros, com um acervo que contava com autores Nigerianos como *Chinua Achebe* e *Chimamanda Ngozi Adichie*, além de também contar com autores brasileiros do afrofuturismo como *Fabio Kabral* e *Ale Santos*. Os professores e as crianças

da cidade frequentavam a biblioteca com regularidade, estudando e se divertindo com as obras, que acentuava senso de pertencimento e aproximava toda a população de sua ancestralidade, de forma natural. O importante parque de *Dandara dos Palmares* ainda contava com uma imponente estátua de *Zumbi dos Palmares* no centro, erguida como um símbolo de resistência e luta. As placas ao redor contavam a história de como *Zumbi e Dandara* enfrentaram a escravidão e começaram a cidade de *Sankofa*.

Logo após o parque *Dandara*, ficava o Terreiro Estrela Guia *Zambi*, um lugar especial onde as pessoas que ainda tinham magia dentro de si se reuniam para celebrar, aprender e receber mensagens dos espíritos. O terreiro parecia um pedacinho de magia na Terra; as velas coloridas davam um certo encanto ao ambiente, e o cheiro do lugar trazia paz e calma. Era o cheiro da chuva, das folhas e das flores, que, junto ao barulho dos tambores, dava a Alan a sensação do aconchego de um lar.

Ao fundo a música, envolvia Alan, em uma dança que só ele entendia a sensação, era como se tudo envolta se tornasse uma junção do que ele próprio era.

*Eu vi mamãe oxum na cachoeira
Sentada na beira do rio
Colhendo lírio lirulê*

Colhendo lírio lirulá
Colhendo lírio
Pra enfeitar o seu gongá
Colhendo lírio lirulê
Colhendo lírio lirulá
Colhendo lírio
Pra enfeitar o seu gongá

Foi ali que ele aprendeu sobre os guerreiros africanos *Sundiata Keita* e *Yaa Asantewaa*. Eles não eram figuras diretamente ligadas à umbanda, mas a mãe-de-santo Núbia sempre fazia questão de ensiná-lo sobre essas histórias, que não só o inspiravam, mas também enchiam seus olhos de encanto. "Sundiata foi um grande líder, um unificador, conhecido por suas habilidades de liderança, e Yaa Asantewaa, uma rainha guerreira que enfrentou colonizadores para proteger seu povo. Eles nos ensinam coragem, força e a importância de lutar pelo que acreditamos", dizia Núbia, com um sorriso acolhedor.

Em uma noite, enquanto Alan observava o terreiro se encher de luzes, a mãe-de-santo o chamou para conhecer *Oxum*, a entidade mística que protegia as águas doces e o amor. Ela surgiu como num passe de mágica, como uma figura brilhante e dourada, deixando o garoto encantado.

— Oi, Alan, meu pequeno, sei que você adora as histórias de *Sundiata Keita* e *Yaa Asantewaa*, e por isso vim dizer a você: aprenda a respeitar a si mesmo, os outros e a natureza. Isso é importante. Lembre-se: lute e seja corajoso.

Aquela conversa ficou marcada em sua memória para sempre, mesmo sem saber o que ela significava.

Alan era diferente dos outros, e diferente até mesmo de Kaique. Ele tinha um olhar aguçado para tudo que envolvia uma dose de magia.

Na escola, via seus amigos João e Antônio debocharem das lendas brasileiras e acabava indo no embalo para não se sentir excluído.

— Saci! — Gritou João com a voz debochada, e continuou — Quem inventou isso?

— Eu acho estranho mesmo é o tal de *Romãozinho*, o menino mais sem graça, sem sal, sem açúcar e, pior, fraco!

— Falou Alan, mesmo que no fundo não acreditasse naquilo de verdade.

— Eu não acho que ele é fraco, eu acho mesmo é que ele não existe, nem nunca existiu. Quanta tolice! Até falar desse assunto é um desperdício total. — Argumentou Kaique.

Naquele mesmo dia, Kaique chamou Alan para o assistir numa *ginga*, os dois caminharam pela cidade e chegaram até *Dandara do Palmares*, onde os Mestres *Bimba* e

Pastinha já estavam *gingando* junto a comunidade capoeirista, podia se ver tocar o *caxixi*, o *reco-reco*, *agogô*, *berimbau*, *ganzá* e *atabaque*. Kaique começou a se envolver com o ritmo, e mesmo que não acreditasse em magia, sentia algo percorrer seu corpo, a cada tocar de um instrumento, se sentia vivo, forte e capaz de qualquer coisa, virou-se para Alan e falou sorrindo:

— Na primeira oportunidade vou entrar.

Alan assentiu com a cabeça, e naquele momento sentiu tanto orgulho do seu amigo, acreditava que com as *graduações* e com o tempo, logo se tornaria um mestre assim como *Bimba e Pastinha*.

Enquanto a *ginga* acontecia era possível ver movimentos que seguiam o ritmo da música, um pé para trás e o braço oposto na frente, tornavam aquele momento especial, as vozes entonavam o parque, e quem passava por ali, ouvia.

Oi sim sim sim/Oi não não não

Indicando diante aquela roda, que ali havia um empate.

— É a minha deixa — Kaique sorriu apertando os olhos e pediu licença, saiu um capoeirista e ele entrou *gingando* e explorando vários golpes, e enquanto o outro capoeirista fazia a *meia-lua de frente* ele rapidamente fazia a *Corrinha*.

Bimba e Pastinha orgulhosos gritavam em meio a música e o ritmo.

— Esse *moleque*...

Alan que estava atento, viu diante a roda, um menino diferente, que chegou sem que ninguém percebesse, era pequeno, a pele negra de tom escuro como a dele, mas seus olhos... brilhantes e dengosos, o tornavam mágico. Parecia triste, era ignorado, ou ainda não era visto. Muito brevemente ele se colocou a correr, em seus olhos, lágrimas, ele logo desapareceu.

Naquele momento algo curioso aconteceu, o sol que iluminava a céu, foi substituído por uma nuvem carregada que derramava gotas geladas de chuva, era como se o céu chorasse para acompanhar aquele menino que partiu tão de repente.

Uma *muvuca* tentava se esconder da chuva, e Kaique que antes tinha um semblante alegre e festivo, agora estava irritado, correu até Alan.

— Fala sério? Tinha que ser bem agora

Alan não respondeu, estava perdido em seus devaneios pensava naquele menino, naquela criança triste.



O silêncio voltou debaixo daquela árvore de manga, onde repousavam os dois garotos, e junto dele, o tédio, desta vez mais forte do que nunca. Conseguiram ver à distância suas mães conversando. Estavam os vigiando, com seus vestidos florais iguaizinhos. Que coincidência! Será que estavam falando deles? Bom, não importava, pensou Alan, que começou a relembrar, enquanto se divertia olhando as formas das nuvens no céu. Elas tinham muitos formatos, alguns bonitos e outros assustadores. Ele imaginava, com muita fantasia, como foi divertida a aventura que teve com seu amigo no dia anterior. Embora não tivesse trazido resultados muito agradáveis, o arrependimento era zero. Afinal, só se vive uma vez, não é mesmo?

Ele fechou os olhos e deixou que os devaneios enchessem sua cabeça. Ele amava lendas, mistérios e magia; traziam-lhe uma sensação de êxtase, e ele buscava esse sentimento até nas mais simples coisas da vida. Achava que a vida sem um pouco disso não era nada. E assim, deixou as lembranças o guiarem até a tarde ensolarada do dia anterior, em que o sol brilhava de uma maneira incomum e o calor fazia com que as pessoas que passavam pela rua esboçassem sinais de cansaço.

— Então? O que vamos fazer agora? — Perguntou Kaique, passando a mão na cabeça. Ele não gostava de ficar em silêncio, na verdade, era bem agitado; gostava mesmo era de falar.

Alan ignorou a pergunta, não porque não tivesse escutado, mas porque estava perdido em seus próprios questionamentos. Frequentemente se perdia em seus devaneios, que não ousava compartilhar com ninguém. Finalmente, depois de pensar um pouco, decidiu com entusiasmo: — Vamos caçar o *Romãozinho* — falou sério, observando o grande sorriso de seu amigo se transformar em um rosto sério e amedrontado.

Romãozinho é um ser do folclore brasileiro, um menino que nunca cresceu, a lenda conta que ele era um menino simpático, que sempre gostou de pregar peças nas pessoas, com a intenção de ensiná-las alguma lição, no entanto quando ainda era menino, pregou uma peça que foi longe demais, acabou arrependido pelo que fez, se isolando para sempre na mata. Até hoje a lenda não conta o que ele fez, mas existem suposições, como ter feito uma brincadeira que causou a separação de sua família.

— Você não está falando sério, né?

— E por acaso estou com cara de quem está brincando? — respondeu ele, irritado, como era comum. Alan se irritava facilmente, e quando isso acontecia, franzia as

sobrancelhas e apertava os olhos amendoados, obrigando Kaique, sem dizer uma palavra, a aceitar todas as suas propostas.

— Tá! — revirou os olhos. — Então vamos brincar. De repente, os dois se levantaram e começaram a correr. Kaique, sem entender muita coisa, gritou com um falso entusiasmo: — Achei, achei! Aqui, o *Romãozinho*! — disse, apontando para um canto vazio, onde não havia nada. “Um exercício imaginativo”, pensou ele.

— Cadê? Aí não tem nada. Alan ficou muito irritado e constrangido, e apertou ainda mais os olhos amendoados. Kaique pensou que não era possível que ele quisesse o *Romãozinho* de verdade, não é mesmo? Afinal, isso não fazia sentido.

— Não entendo. Você quer um *Romãozinho* de verdade?

— Mas é claro! Para que eu ia querer um de mentira?
— respondeu Alan, com naturalidade.

Kaique não aguentou e começou a rir histericamente, enquanto dava tapinhas no joelho.

— Meu amigo, ninguém contou a você que ele não existe? Se existisse, a gente o veria andando por aí, né?

— Pois acredite se quiser, eu o vi ontem passando pelo Centro Literário *Machado de Assis*. Ele realmente era uma criança, menor do que nós dois, com roupas bem simples, mas

— Alan deu uma pausa dramática e, quando o suspense estava no ar, continuou:

— TINHA OS OLHOS BRILHANTES, E CHEIOS DE TRISTEZA!

Kaique, era um típico garoto cético que não acreditava em nada dessas coisas, mas ao mesmo tempo era criança, e medroso. Mesmo sem acreditar, confiava em Alan e por isso ficou abismado, sentindo um calafrio percorrer sua espinha. Seu coração acelerava, e um misto de adrenalina e medo tomava conta dele. Alan não estava falando sério, é claro, era somente mais uma de suas brincadeiras. Gostava de levar seu amigo ao limite e brincar com o fato de que ele era extremamente medroso e cético ao mesmo tempo. Não demorou então para que Alan imaginasse um plano: na calada da noite, enquanto todos estivessem dormindo, iriam ver se *Romãozinho* apareceria novamente na janela, mesmo que ele nunca tivesse aparecido de verdade. Se o vissem, a regra era clara: seguiriam ele imediatamente.



Quando o sol se pôs e a noite chegou, os ventos começaram a soprar com mais brutalidade do que o normal. Os dois amigos então se encontraram em frente ao Centro de Estudos Literários *Machado de Assis*, que era um ponto

de encontro costumeiro entre os dois, já que ficava próximo das casas de ambos. Em suas mãos, levavam lanternas e vestiam moletons para evitar o frio que fazia naquela noite. Não queriam dizer nada, tinham medo de alguém escutar suas vozes e acabar alertando suas mães. Não era hora de criança estar na rua, segundo os costumes da cidade. Então, Alan fez alguns gestos, indicando que era para segui-lo.

Ligaram as lanternas para amenizar a escuridão que os cercava e foram aos poucos se aproximando de um beco, que ficava perto de onde Romãozinho havia supostamente aparecido pela primeira vez. As horas passavam lentamente, e Kaique estava convencido de que nunca apareceria um Romãozinho ou qualquer coisa, já que, para ele, nada disso existia. Ele estava convencido de que fora enganado mais uma vez por Alan.

— Você me pegou dessa vez, eu vou para casa. Se minha mãe vir que eu não estou na cama, ela me mata. E não estou brincando, ela me mata mesmo.

Ele se preparava para se levantar, mas Alan, que não estava dando muita atenção para a situação, estava mais matando o tempo, o puxou pelo braço para entrar no beco novamente.

— Desliga essa lanterna e olha ali — falava, apontando para um menino que perambulava perto do Centro Literário. Apesar de não ser céptico, naquele momento ele

estava incrédulo. Ele tinha inventado aquilo, e agora estava diante de algo que ele mesmo inventou. Não era possível. Os dois ficaram observando, tampando a boca com as mãos para não gritar e acordar alguém. Quando perceberam, o menino se virou. Seus olhos estavam repletos de tristeza, eram brilhantes, além de um pouco desproporcionais ao formato do rosto. Kaique ficou pálido, sentindo náuseas e uma vontade súbita de vomitar. Aquilo era simplesmente apavorante. Alan, por sua vez, começou a seguir o menino devagar, puxando Kaique, que mal conseguia se mover de tanto medo. Alan sentia que não era a primeira vez que via aquele menino, tinha algo de muito similar ao menino que viu certa vez na roda de capoeira, será que daquela vez, era o Romãozinho que tinha visto e não um garoto comum? Não podia ser, pensava.

Eles o seguiram, esquivando-se e se escondendo atrás de todas as construções e monumentos possíveis, até que chegaram ao Parque *Dandara dos Palmares*. Kaique, que suava frio e tremia as pernas, passou pela estátua de *Zumbi dos Palmares* dizendo:

— Me dê forças, principalmente coragem.

Eles estavam determinados a desvendar o mistério, a descobrir se aquilo não passava de imaginação ou se era, de fato, algo incomum. Aproximavam-se cada vez mais do menino Romãozinho, quando, de repente, ouviram seus

nomes sendo chamados repetidamente. Ao se virarem, depararam-se com suas mães, que os chamavam com expressões de preocupação estampadas no rosto.

— O que pensam que estão fazendo fora de casa essa hora?

A mãe de Kaique foi logo puxando-o pela orelha, e Alan era arrastado pelo braço. Ambos se entreolharam e, ao mesmo tempo, viraram-se para trás à procura do menino, mas ele já havia sumido.



O resultado de tudo aquilo terminou de uma forma inesperada, já que Alan não imaginava que Romãozinho fosse aparecer de verdade, ainda mais com as descrições que ele deu. Até agora, não sabia se aquilo era verídico ou se os dois haviam delirado, e por que aquele menino parecia tanto com o que viu na roda de capoeira? Bem, de qualquer forma, uma noite casual, para atormentar Kaique com brincadeiras bobas, terminou daquele jeito: castigo.

Alan, que tinha deixado a imaginação ir além dos limites, pensando de tudo um pouco, se viu na posição inicial, sentado debaixo da árvore junto de seu amigo, em um castigo que parecia eterno, onde só podiam ficar sentados. E o único lugar que podiam ficar era o Parque *Dandara*, e

somente quando suas mães iam conversar; brincadeiras eram proibidas, bem como passeios noturnos, e aquilo chateava qualquer criança que vivia numa grande cidade e detestava ficar em parques. “Para que ficar num parque, com tanta tecnologia, esperando em casa?”, era isso que Kaique pensava. Alan, diferente, pensava que, se suas mães soubessem o verdadeiro motivo de terem saído à noite, aí sim o castigo seria pior, porque perseguir lendas do folclore brasileiro pela noitada não é algo tão natural de se fazer. Apesar do castigo, Alan tinha que admitir que estava gostando daquele silêncio; era naquela paz que tinha os mais diferentes devaneios. Contudo, durou pouco. Kaique, que adorava conversar, começou a tagarelar, contava sobre o sonho que teve na semana passada, o que comeu no café da manhã e outras coisas que pouco interessavam a Alan, que sentiu a necessidade de falar algo realmente importante.

— Você acha que a gente imaginou aquilo?

— Como assim, você que disse sobre esse menino... Romãozinho... não sei, só sei que você começou com isso.

— Cara, eu comecei com isso realmente, mas era só uma brincadeira contigo, seu medroso — falou enquanto revirava os olhos.

— Pois é, mas parece que sua brincadeira tomou forma, talvez assim você controle mais essa língua, porque parece mesmo que alguém anda atendendo seus desejos —

disse Kaique, rindo e debochando da situação. — Fala sério, né? É lógico que a gente imaginou aquilo, ou só era um menino comum, e nós o perseguimos, coitado.

— Nunca vi um menino com olhos tão místicos, brilhantes e desproporcionais ao rosto, e os dentes dele não pareciam também meio pontiagudos? — Insistiu Alan.

— Esquece isso, que besteira, meu, Romãozinho não existe, assim como nada dessas coisas. Olha para toda essa tecnologia que temos, acha que essas coisas são necessárias? Devemos é deixar tudo isso para trás.

Alan não concordava.

— Lendas também são um sinal de resistência e contam a história de um povo, não só isso... — Kaique o interrompe.

— Blá blá blá — repetiu, fazendo movimentos de abrir e fechar com a mão levantada.

Alan sugeriu que, no mesmo horário, seguissem o Romãozinho novamente para descobrir se aquilo era real ou apenas fruto de suas imaginações. A verdade é que, mesmo hesitante, ele estava tomado pela curiosidade, pois jamais havia visto algo parecido. Até onde aquilo era verdade? Até onde sua mente poderia estar pregando peças? Já Kaique, naturalmente cético e medroso, cogitou recusar, mas a ideia ficou apenas no pensamento, porque o olhar mandão de Alan nunca falhava, não com ele.



O sol se pôs e, com ele, a noite chegou. Os dois garotos se encontraram no lugar habitual, dizendo às suas mães que precisavam fazer um trabalho da escola e que, como era extenso, precisariam dormir na casa um do outro. Estavam com seus moletons, e, em particular, Alan levava consigo uma concha de *Oxum*, que tinha ganhado de Núbia, a mãe de santo, no seu aniversário de 5 anos. Tirou-a do bolso e mostrou para Kaique.

— A concha vai proteger a gente.

Kaique afirmou um "sim" com a cabeça, pois não queria falar o quanto achava aquilo uma besteira, e logo os dois estavam no mesmo beco, em uma situação que, anteriormente, não só os havia colocado de castigo, como também os colocara em perigo. Mas nenhum dos dois parecia se importar com isso. Perto do Centro de Estudos Literários *Machado de Assis*, uma sombra começou a se aproximar — era a sombra do menino *Romãozinho*.

Kaique foi o primeiro a segui-lo, como se estivesse hipnotizado, e Alan, estranhando a atitude do amigo, que normalmente era medroso e cético ao assunto, foi logo atrás. Chegaram novamente ao Parque *Dandara* dos

Palmares, no centro da cidade, exatamente como da última vez. Eles estavam atrás da estátua de *Zumbi* quando engoliram a saliva ao ver *Romãozinho* entrar em um grande portal colorido que se formava no ar.

O portal era amedrontador, mas, ao mesmo tempo, parecia chamar, como se fosse o único caminho a seguir. Alan sentiu uma sensação estranha, uma certeza de que estava destinado a ir para aquele lugar, e entrou sem hesitar. Kaique, ainda hipnotizado, o seguiu, como se não fosse capaz de fazer outra coisa. De repente, os dois se viram caindo, como se nunca fossem alcançar o chão. O portal parecia engoli-los, e cores se misturavam ao redor de seus corpos. Finalmente, aterrissaram em um lugar onde a gravidade parecia não existir. Tudo flutuava: cadeiras, pratos, camas e até paredes em posições absurdas.

O encanto sobre Kaique parecia ter se quebrado, e ele se entreolhou com Alan, como se perguntasse:

— Mas, o que está acontecendo?

Eles avistaram *Romãozinho*, que pulava de objeto em objeto que flutuava, tentando chegar mais perto dos garotos. Alan, achando que gritar resolveria alguma coisa, berrou:

— O que quer conosco?

Romãozinho, com um sorriso malicioso, respondeu:

— Açam que podem brincar com as forças da natureza? Açam que gosto de ser seguido? Pois agora, você e seu amigo vão pagar por isso.

— *Romãozinho*, nós não tivemos a intenção de te chatear! — Alan respondeu, tentando acalmar a situação.

— *Não importa, vocês fizeram suas escolhas.* — *Romãozinho* falou, a voz carregada de raiva. O espírito então aumentou o seu próprio tamanho, ficando gigante. Suas mãos e braços assustadoramente grandes pegaram os dois garotos, como se eles fossem apenas penas. Com algumas batidas feitas com os pés, *Romãozinho* fechou o portal, o chão tremia e se desfazia, podendo-se ver uma escuridão avassaladora. Cores, lembranças borradas e luzes atordoavam Kaique e Alan, que tentaram gritar, mas suas vozes eram abafadas por aquela escuridão tenebrosa. *Romãozinho* tinha um poder inimaginável. De repente, o chão começou a tomar forma de novo, prédios se formavam, totalmente futurísticos, com luzes esverdeadas, mostrando propagandas de forma holográfica. Os carros eram voadores e as casas eram controladas por aparelhos.

— Chegamos ao nosso destino, bem-vindos ao ano 3069. O que acham disso? — dizia *Romãozinho* com ironia, continuando sua fala — Quero ver com quem vocês vão brincar aqui. — Ele então voltou ao tamanho normal, esfregou as mãos e desapareceu

Romãozinho, voltou para dentro do portal, e encontrou lá *Anansi* a aranha sábia, que conta a lenda, ser um ser existente desde os primórdios, mas que tinha o sonho de ter acesso as histórias de *Nyame*, o deus do céu, que propôs a aranha um desafio, que ela sabiamente venceu, obtendo as histórias. *Anansi* sabia o que iria acontecer, e sabia também as intenções de *Romãozinho*.

— *Romãozinho* entendo que você está magoado, Kaique acredita que você não existe, e Alan o chamou de fraco, o seguiram mais de uma vez tirando sua paz, mas você também não perde essa saudade, de ser criança como eles, estava na roda de capoeira, tentando participar, não acha que dessa vez você exagerou um pouco, você mais do que ninguém soube um dia o que é ser criança.

— *Anansi* o que você entende? Acha que é fácil para mim? Ter que se esconder para sempre, arrependido de um erro que cometi, você que tem o baú de histórias sabe muito bem sobre a minha, sabe muito bem minhas intenções, a muito desrespeito em *Sankofa*, e eu estou cansado. Alan e Kaique vão servir de exemplo.

Anansi suspirou fundo, sabia que o que Romãozinho queria mesmo era proporcionar aquelas crianças alguma lição, ele ainda não tinha perdido esse hábito, mas o que mais intrigava Anansi sobre o Romãozinho, é sua tristeza, seu arrependimento, que o tornavam quase melancólico. Sua vontade de ser criança novamente, mas não poder, porque acredita que tem que carregar o arrependimento e a dor do que fez para sempre, mas mesmo que fosse assim, Anansi acreditava na potência das lições de Romãozinho, que eram bem calculadas por ele, e davam novas perspectivas e olhares sobre a vida. No entanto nem Romãozinho imaginava que nem tudo se pode mudar ou melhorar, as vezes a vida é o que é, e não podemos interferir, e Anansi sabia disso, sabia de tudo.



Pela primeira vez em sua vida, Alan sentiu um arrepio tão forte na espinha, enquanto Kaique chorava.

— Pare de chorar, a gente vai dar um jeito nessa situação — ele disse, mais para acalmar Kaique do que por realmente acreditar naquilo. Não via solução para tudo aquilo, acima de tudo, eram crianças. Sua vontade era de gritar e esbravejar, mas não conseguia demonstrar

sentimentos, e não podia se deixar abalar; seu amigo precisava dele.

Não era a primeira vez que Alan brincava com as lendas do folclore brasileiro, e ele não via mal nenhum naquilo. Achava extremamente divertido tinha, Curupira, Saci, Romãozinho e tantos outros. Certa vez, ele, João e Antônio fizeram todas as piadas possíveis, enquanto Kaique, nem sequer acreditando, ria e dizia que eram tolices.

Caminharam pela cidade observando tudo. Kaique, que era uma pessoa focada em tecnologia, ficou confuso com tanta informação que via pela frente. Tinha que desviar de muitas coisas, como bicicletas que andavam tão rápido que quase não era possível vê-las ou identificar que eram bicicletas. Os pedestres vestiam trajes que os faziam andar tão rápido quanto as bicicletas. Viam as pessoas parando e tirando aparelhos que as transportavam, e outras que controlavam suas casas também com aparelhos. As pessoas só paravam para olhar os garotos. Naquela realidade, todos estavam com mais pressa do que a realidade a que eles estavam acostumados. Embora tudo parecesse diferente, havia algo estranhamente familiar, um *déjà vu*, que acometia principalmente Alan. Foi então que avistaram um enorme monumento e, ao seu redor, flutuavam diversos livros: era a biblioteca.

Kaique estava muito assustado, todo o caminho o deixou cansado e, principalmente, desanimado por estar passando por aquela situação. Eles entraram e logo uma moça de dreads, olhos marrons escuros e pele negra de tom acetinado os atendeu. Sua roupa futurística era toda metalizada e tecnológica, e ela falava de um jeito robotizado.

— Oi, sou a bibliotecária *Amina*, como posso ajudar vocês?

Alan, que não sabia ao certo se *Amina* era uma humana ou um robô, se pôs à frente para responder.

— Oi, não sei como te dizer isso, mas nós fomos vítimas de uma travessura do Romãozinho, ele nos prendeu no futuro e agora não sabemos como voltar.

Kaique estava boquiaberto, "esse é o plano de Alan?", pensou com indignação. A bibliotecária olhou para os garotos com as sobancelhas franzidas e um ar de descrença, como se tivesse sido pega de surpresa por uma brincadeira sem graça.

— Que brincadeira é essa? — indagou Amina com um olhar furioso.

Kaique não esperava que o plano de Alan fosse dar certo, mas ver a reação de Amina fez com que brotasse um desespero nele. Logo começou a derramar lágrimas, enxugando-as com a manga de seu moletom, que ainda era o mesmo desde o dia em que perseguiram Romãozinho pela

primeira vez. Suas lágrimas deixaram a bibliotecária confusa.

— Escutem, meninos, onde estão seus pais?

Alan insistiu na trama.

— Você não entendeu, nossos pais estão em 2024, Romãozinho deixou a gente nesse futuro aqui — berrou ele com indignação por não ter sua história validada.

A bibliotecária, que era distraída, reparou somente naquele momento que as vestes dos meninos eram inferiores e desatualizadas, o que a deixou ainda mais confusa com a situação. Imaginou que eram crianças em situação precária, o que não era comum no centro da cidade. Geralmente, os lugares que não foram acometidos pela tecnologia tinham seus próprios centros e ficavam afastados do alto centro tecnológico. Ela encaminhou os dois para uma das salas da biblioteca, enquanto tentava entrar em contato com o departamento infantil.

— Escutem vocês dois, fiquem aqui enquanto tento resolver a situação — falou Amina.

Alan, apesar de não ter derramado nenhuma lágrima, ficou visivelmente inconformado. Ele não esperava aquela resposta. Odiava toda essa descrença, e era só uma criança, tinha medo, medo de tudo, medo de nunca mais voltar, de nunca mais sentir o calor dos braços da mãe, de não ter mais as broncas do pai e seus ensinamentos

valiosos, ou ainda de nunca mais ficar de castigo debaixo daquela árvore.

— Alan... — Kaique chamava seu amigo, o chacoalhava e nada. Alan estava perdido, e era preciso recuperá-lo. Ele estendeu a mão e deu um tapa no rosto dele, que recuperou a sensatez típica de sua personalidade de imediato, como se nunca tivesse entrado em um estado profundo de transe.

— Temos que sair daqui eles não vão conseguir nos ajudar, temos que descobrir como voltar. — Alan estava desesperado.



A bibliotecária retornou à sala depois de algum tempo e observou os dois meninos, que pareciam um pouco melhor em comparação com o que estavam anteriormente.

— Que bom, parece que estão melhor. Vai vir alguém do departamento infantil falar com vocês, mas não precisam se preocupar, eles são muito gentis.

— Amina, poderia falar com você em particular? — Alan falava, tentando tomar uma atitude para apaziguar a situação, levantando-se de um pufe flutuante. Seu olhar estava cabisbaixo.

Kaique só pensava: "O que o Alan está fazendo?"

— Tudo bem, vou levar você para a minha sala.

Alan seguiu a bibliotecária até a sala dela. Uma sala que deixava ainda mais dúvidas se ela era humana ou um robô, já que era cheia de tomadas e artefatos de manutenção robótica. Ela pegou dois pufes, ofereceu um para Alan e se sentou em outro, enquanto ambos flutuavam.

— Bom... eu só queria dizer que foi tudo uma brincadeira. Nossas mães foram... sei lá, dar uma passeada por aí e nós pensamos em aproveitar e fazer uma brincadeira contigo, desculpe. — Ele mentiu, com a intenção de se safar do departamento infantil. Pelo menos em 2024, nada que os adultos chamassem de "departamento infantil" levava a bons lugares.

Amina, a bibliotecária, levantou-se de supetão, muito irritada com aquela situação.

— Não achei nada engraçado, e quero que você e seu amigo saiam imediatamente dessa biblioteca. Brincadeiras têm limites, seus pais nunca te falaram sobre isso?

"Meus pais, Oxum e Romãozinho, já haviam me alertado, mas eu só posso ser mesmo um bobo", pensou ele, sem dizer nada.

Caminhou até a sala onde ele e Kaique estavam anteriormente, com a supervisão de Amina, mas notou que ninguém estava na biblioteca; ela estava vazia. Espiou as salas pelo caminho e viu itens flutuando, assim como no

portal, mas, por algum motivo, ignorou aquilo. Quando chegou à sala, em vez de entrar, fez um sinal para que Kaique saísse.

— O que aconteceu? — disse Kaique, olhando para o rosto zangado de Amina.

— Já sei da brincadeira boba de vocês, quero que você e seu amigo saiam imediatamente — falou Amina.

Kaique, compreendendo a situação, caminhou até a saída junto de Alan. Chegando do lado de fora, os dois começaram uma discussão.

— Por que não deixou que viesse o tal departamento infantil? — gritou Kaique.

— Você não lembra como era isso em 2024? Não era bem esse nome, mas era quase uma prisão. Se formos presos por mais alguma coisa, juro, vou enlouquecer.

— Talvez não fosse tão ruim.

— É claro que é ruim! Como íamos sair desse futuro se ficássemos sob supervisão de adultos?

De repente, os dois garotos sentiram seus corpos se moverem de forma automática, como se estivessem sendo rebobinados, como uma fita de vídeo. O cenário à sua volta começou a se desfazer e, antes que pudessem compreender o que estava acontecendo, se viram diante de Romãozinho novamente, esfregando as mãos e desaparecendo, exatamente como no início, quando tudo começou.



“EU ACHAVA QUE VOCÊ PRECISAVA
DE MIM, MAS SOU EU QUE PRECISO DE
VOCÊ. “



O

CAPÍTULO 02

s garotos estavam sentindo a mesma coisa que experimentaram quando tudo iniciou: uma sensação de confusão extrema e medo. Olhavam para os lados, para cima, para baixo, tentando compreender o que estava acontecendo.

— O que aconteceu? Você sentiu isso também? — perguntou Alan, a voz tremula.

— Senti sim, acho que são os efeitos de quando Romãozinho nos tirou do portal... — Kaique respondeu, tentando entender o que estava acontecendo.

Caminharam pela cidade, mas a sensação de déjà-vu era imensa. Kaique, que enfrentava dificuldades de locomoção, e Alan avistaram uma biblioteca, com livros fluando ao seu redor, como se estivessem sendo mantidos em uma dança mágica. Decidiram entrar.

A bibliotecária, Amina, os recebeu com um sorriso acolhedor.

— Oi, sou a bibliotecária Amina. Como posso ajudar vocês?

Kaique e Alan se entreolharam, desconfiados. Alan percebeu que algo não estava certo.

— É... já não estivemos aqui antes?

— Bom, poucas pessoas visitam essa biblioteca. Então, acredito que nunca os vi antes.

Alan riu sem graça, sentindo o desconforto da situação, e puxou Kaique para fora da biblioteca, segurando sua camisa.

— Cara, já não viemos aqui e fizemos tudo isso?

— Não me lembro... — Kaique respondeu, com um olhar perdido.

De repente, os dois garotos sentiram seus corpos sendo movidos novamente, como se o tempo estivesse retrocedendo. Era como se estivessem sendo rebobinados, voltando ao início, e, em um piscar de olhos, se encontraram diante de Romãozinho novamente. Ele esfregou as mãos e desapareceu, exatamente como no início, quando tudo começou.

— Aconteceu de novo. Você se lembra agora? — Alan parecia ser o único a manter a memória dos acontecimentos passados.

— Sim..., mas o que exatamente aconteceu? Romãozinho nos deixou aqui e sumiu... — Kaique disse, confuso.

Então, de repente, Alan se deu conta de que estava com a concha de Oxum no bolso da calça. Um flash de lembrança se formou em sua mente.

• • •

Era seu aniversário, dia 22 de novembro, ele faria 5 anos, e como Alan amava o terreiro e a estrela guia Zambi, seus pais Tadeu e Carolina decidiram comemorar no local com a mãe-de-santo Núbia.

Chegando lá, havia balões coloridos por todos os lugares, na mesa, bolos coloridos, doces e refrigerantes.

E foi aí que Núbia explicou para ele sobre os êres, que eram espíritos que continham a energia infantil. Alan ficou encantado, brincou com as outras crianças por horas e horas até que Núbia o chamou.

— Alan, você é muito especial, tem uma força que não imagina. Não só isso, Oxum gosta muito de você, e por isso nosso presente de aniversário para você é uma concha de Oxum. Não a perca, ela vai te proteger, Oxum estará sempre contigo.

Kaique deixou as lembranças de lado e percebeu que a concha era sua proteção naquele momento e seria sempre, enquanto ele existisse.

— Kaique, você vai ter que confiar em mim. Estamos presos em um loop, onde tudo se repete dia após dia. Acho que foi Romãozinho quem fez isso. — Alan falou, sua voz firme, mas com um toque de desespero.

— Alan, isso não é hora para brincadeiras! Estamos em uma situação complicada aqui! — Kaique retrucou, claramente cético.

— Eu te juro, é verdade. Confie em mim, você sempre confiou. Por que não agora? — Alan insistiu.

Era verdade. Kaique sempre confiara em Alan e o seguia cegamente. Tudo o que Alan dizia parecia certo, e Kaique nunca questionara.

— Tudo bem, mas por que você não está sofrendo esse efeito de esquecimento? — Kaique perguntou, desconfiado.

— Oxum! Ela está me protegendo. — Alan respondeu, com firmeza.

— Claro, claro... — Kaique disse, revirando os olhos, visivelmente cético, mas ainda assim começando a se questionar.

E mais uma vez, tudo aconteceu de novo. O tempo havia voltado. Alan teve que convencer Kaique de novo, e em parte Alan reconhecia que, por Kaique não acreditar em magia ou lendas, ele sempre esquecia de tudo, porque não conseguia manter lembranças daquilo que não acreditava.

— Ok, vamos supor que isso que você está dizendo seja verdade. Como faremos para acabar com isso?

— Você precisa acreditar primeiro. Isso pode dar uma falha nesse loop de repetições, e... — Quando ele terminou de falar, percebeu que tudo tinha retrocedido de novo e que Kaique não lembrava mais de nada, outra vez.



Kaique olhou para Alan depois de inúmeras repetições, cheio de dúvida, mas algo dentro dele estava começando a mudar, mesmo que lentamente. Alan estava cansado; convencer Kaique não era fácil. Ele ainda não queria acreditar em magia, mas a realidade parecia cada vez mais impossível de ignorar. Tudo o que rege o mundo é envolto por magia, e Alan sabia disso. Zambi, o criador do mundo, por si só já era mágico, mas, além de ser um ser mágico, também criou um mundo cheio de magia, e era nisso que Alan acreditava.

— Eu... eu não sei mais o que pensar... — Kaique disse, a voz trêmula. — Como é possível? Não faz sentido!

Alan deu um passo à frente, fixando o olhar nos olhos de Kaique.

— Eu sei que para você parece que tudo isso não faz sentido, mas é a única explicação. O loop não vai parar até você acreditar, Kaique. Oxum está tentando nos proteger, mas só nós podemos romper com isso...

Kaique respirou fundo, olhando para o céu, como se procurasse alguma resposta ali. Ele sempre tivera uma visão lógica do mundo, acreditava apenas no que podia ver e tocar. Mas aquilo, tudo aquilo, estava fora da sua

compreensão. Ele preferia acreditar que estava em um sonho e que, em algum momento, ele iria acordar.

De repente, o ambiente ao redor deles começou a distorcer. Um portal começou a se formar, colorido como todas as vezes que o viram. As cores do céu ficaram mais saturadas, o som do vento se intensificou de forma bruta e os ruídos da cidade sumiram, como se tudo estivesse se desintegrando. Kaique sentiu um arrepio no corpo todo, um pressentimento de que algo estava prestes a acontecer.

— Alan... olha isso... — Kaique sussurrou, apontando para o horizonte.

À medida que as distorções aumentavam, uma sensação de desespero começou a tomar conta de Kaique. Ele sabia que algo estava errado, algo que ele não podia entender ou controlar.

— Romãozinho... ele está fazendo isso com a gente. Ele sabe o que está acontecendo... — Alan falou, com uma intensidade que Kaique ainda não entendia totalmente.

A biblioteca que haviam visitado desapareceu, e, como uma fita que rebobina, lá estavam eles na posição inicial, mas algo estava diferente. Quando Romãozinho apareceu novamente, ele estava com os braços cruzados e um sorriso enigmático no rosto.

— Vocês vão ficar nesse loop, para sempre — a voz de Romãozinho ecoou pelo ar. — Não tem como sair do loop.

Kaique olhou para Alan e viu em seus olhos a mesma desesperança que ele sentia. Mas algo dentro dele começou a ceder. Ele já não podia mais ignorar o óbvio: aquilo tudo não era só uma lenda boba como ele cresceu acreditando, estava acontecendo de verdade.

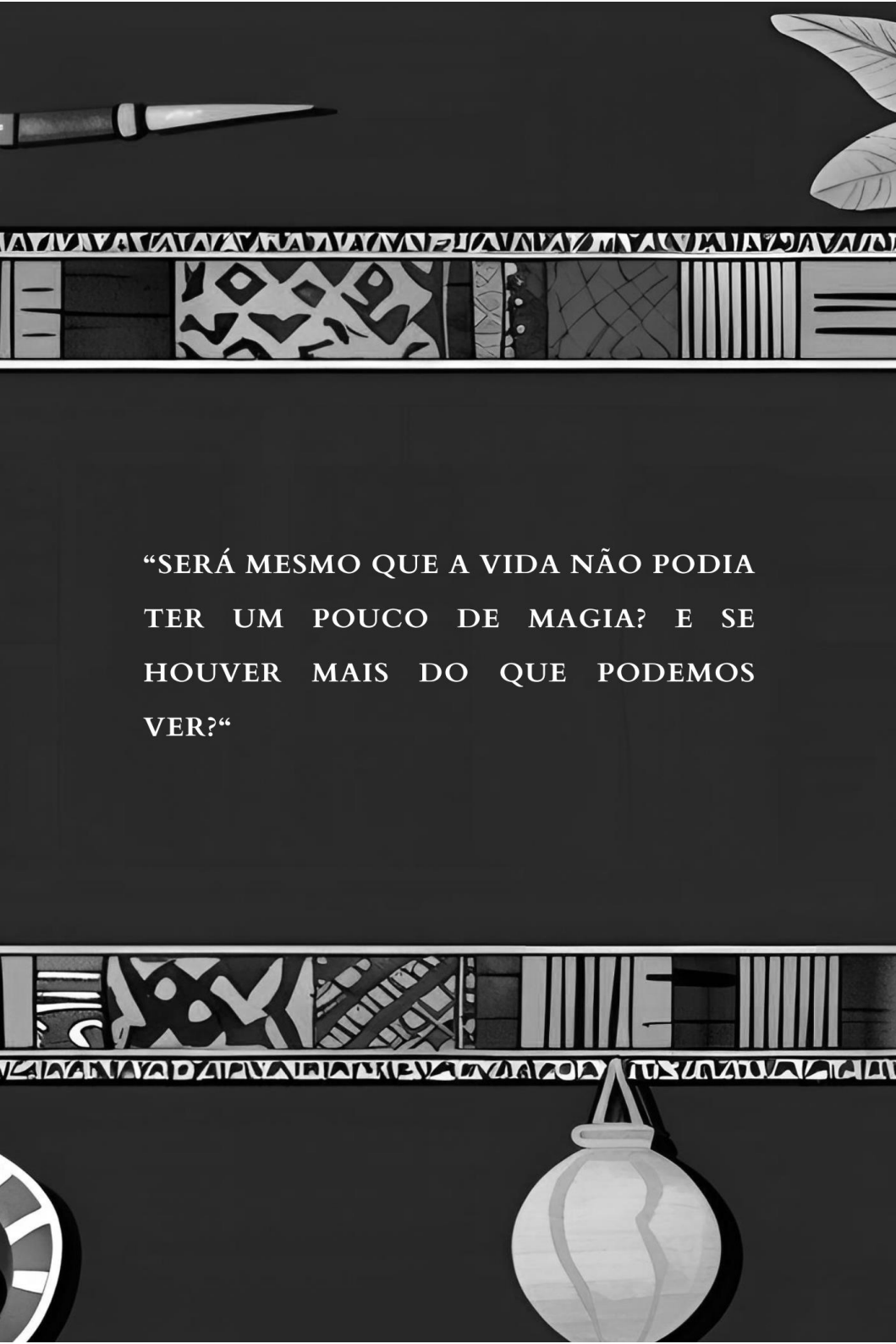
— Eu... eu não sei como fazer isso... — Kaique murmurou, olhando para suas mãos suando. — Eu não sei como acreditar.

Alan, com a concha de Oxum ainda no bolso, deu um passo em direção ao centro da cidade, sentindo uma energia que ele não conseguia controlar. Ele se virou para Kaique.

— Você tem que acreditar, Kaique. Eu achava que você precisava de mim, mas sou eu que preciso de você. Se não acreditar, o loop vai continuar para sempre. Vamos parar Romãozinho e sair dessas juntos.

Por um momento, Kaique pensou em voltar atrás. Mas algo nele estava mudando. Ele sempre confiou em Alan, então por que não agora? Ele deu um passo em direção ao amigo, seu corpo mais tenso do que nunca.

— Eu vou tentar... — disse Kaique, finalmente se entregando à ideia de que talvez, apenas talvez, fosse o momento de confiar.



“SERÁ MESMO QUE A VIDA NÃO PODIA
TER UM POUCO DE MAGIA? E SE
HOVER MAIS DO QUE PODEMOS
VER?”

Capítulo 03

Kaique se esforçava até mais do que acreditava ser possível, mas sua mente visitava todos os lugares, e todos eles estavam ligados à razão. Olhava para Alan, que estava com os olhos marejados, e fechava os olhos, dizendo para si mesmo:

— Acredite, por favor, acredite.

Alan, vendo o desespero de Kaique para tentar acreditar, o envolveu em um abraço apertado. Em seu bolso, a concha de Oxum emanava vibrações repentinamente, que estavam chegando até Kaique, que começou a ser envolvido por uma onda de sensações, revisitando lembranças que não sabia que tinha dentro de si.

• • •

Kaique tinha 4 anos e estava viajando com seus pais. Eles estavam indo para a Angola, e ele amava viajar para lá; era tudo tão bonito, especialmente a natureza, que ele adorava naquela idade. Chegando lá Henrique e Alda, seus pais, ficaram sabendo de um evento de literatura, com a presença de Cordeiro da Matta. Um poeta bastante importante na literatura Angolana, neste evento lindo, podia se ver as cores espalhadas por bandeiras, cartazes enunciam as mais belas poesias. E no palco, Cordeiro da Matta recitava:

NEGRA!

Negra! negra! como a noite

d'uma horrível tempestade

mas, linda, mimosa e bella,

como a mais gentil beldade!

Negra! negra como a aza

do corvo mais negro e escuro,

mas, tendo nos claros olhos,

o olhar mais límpido e puro!

Negra! negra! como o ébano,

seductora como Phedra,

possuindo as celsas fôrmas.

Em que a boa graça medra!

Negra! negra..., mas tão linda

co'os dentes de marfim;

que quando os labios entreabre,

não sei o que sinto em mim!...

Na distração do momento, Kaique, Curioso como toda criança, foi para a rua, sem que ninguém percebesse, ela estava extremamente movimentada. Quando ia colocar os pezinhos na rua, a voz de um êre, com calma e delicadeza, o conduziu de volta para o evento. Quando chegou

lá, seus pais, preocupados, o procuravam, no meio da multidão. Ele apareceu surpreendentemente, e sua mãe ficou emocionada. Ela não fazia ideia de como ele tinha voltado, mas agradecia, mesmo sendo cética, a tudo que pudesse ter o trazido de volta.

O tempo passou, e Kaique esqueceu. Não só ele, mas seus pais também, que reforçavam para ele que tudo isso não importava. O mundo precisava de pessoas céticas. Mas até onde aquilo era verdade? Ele se indagou. Será que o mundo não fora feito por Zambi, como acreditava Alan? Será mesmo que a vida não podia ter um pouco de magia? E se houver mais do que podemos ver?

— Kaique... — Alan sussurrou, vendo o olhar distante de seu amigo. — Você está começando a acreditar, não está? Diz que sim, por favor.

Kaique não respondeu de imediato, pois estava imerso nas lembranças de sua infância, mas havia algo novo, algo diferente acontecendo dentro dele. Ele não sabia explicar, mas sentia que a magia estava ali, ao seu redor, pulsando em cada parte de seu corpo, visitando cada parte de sua razão inabalável.

Ele olhou para Alan, seus olhos agora brilhando como se tivesse finalmente compreendido algo que muito tempo não compreendia. Sentia verdadeiramente algo mudando dentro de si.

— Eu lembro agora da voz do êre me guiando, como pude esquecer? Agora... agora eu sei. — disse Kaique, com a voz trêmula de choro. — Agora eu me recordo de tudo. Como pude ser tão tolo e esquecer aquilo que salvou minha vida?

Alan sorriu com os olhos marejados. Ele sabia que aquele momento chegaria, só não sabia quando. Sabia que Kaique, finalmente, começaria a aceitar que o universo era cheio de magia e que o mundo era muito mais do que os olhos podiam ver, mais do que a lógica poderia compreender.

— É isso, Kaique! Encontrou uma parte importante de si, não a perca de novo. Agora, vamos usar isso para romper com esse loop. Juntos! — Alan disse com um grito estridente.

O som do vento aumentou, já indicando o que estava por vir, e a distorção no ambiente parecia se intensificar. Tudo começou a desaparecer e desmoronar, mas Kaique, medroso como era, naquele momento não sentia nenhum pavor. Ele se sentia imune a tudo, sentia a presença de algo maior, algo que o guiava e protegia.

Kaique olhou para Alan e, com um suspiro profundo, sentiu-se finalmente pronto para acreditar. Ele colocou sua mão sobre a mão de Alan, que segurava firme a concha de Oxum, e sentiu uma energia cálida e protetora

se espalhando por todo o seu corpo. Ele fechou os olhos, deixando-se envolver pela vibração que o conectava com o divino, com Zambi e com a magia do mundo.

— Eu acredito. Eu acredito em Zambi. E em tudo que ele criou. — disse Kaique, finalmente sentindo a verdade em suas palavras.

Num instante, o ambiente ao redor deles começou a mudar, mas Kaique estava longe de sentir medo. Ele sentia força, certeza, e uma conexão grande com seu amigo Alan. A energia da concha de Oxum e o poder de sua crença começaram a quebrar as barreiras do loop.

Romãozinho apareceu mais uma vez, agora com uma expressão diferente. Seu sorriso enigmático deu lugar a um semblante mais sério, preocupado com a situação.

— O que estão fazendo? — ele questionou, mas sua voz estava forte como sempre, demonstrando que sua força ia além das barreiras do tempo.

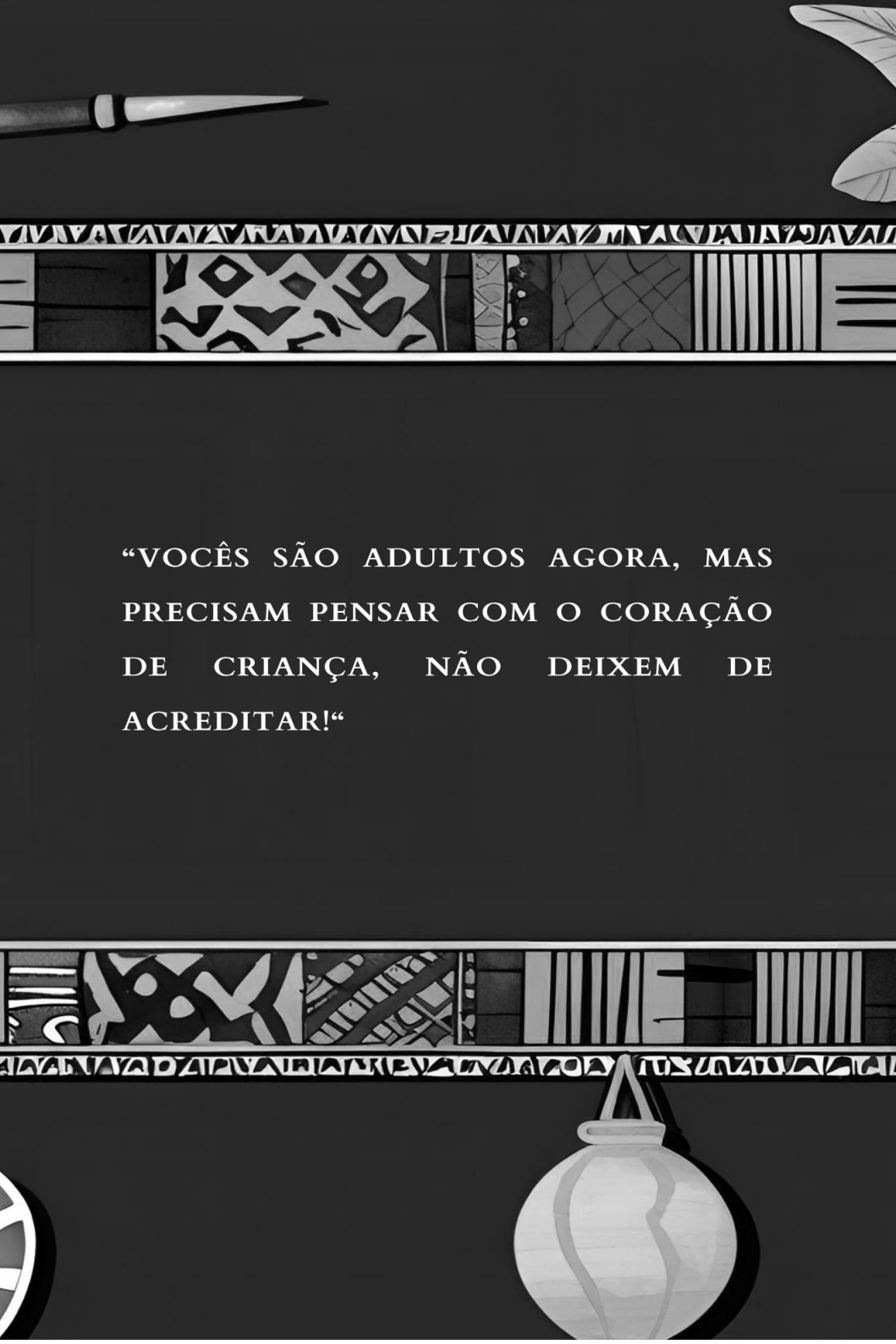
— Estamos quebrando o loop, Romãozinho. Estamos rompendo com esse futuro que não existe de verdade. — respondeu Alan, com firmeza na voz.

Kaique deu um passo à frente, sentindo a magia pulsando dentro de si, sentindo seu corpo em uma corrente enigmática que ele não podia explicar, mas podia acreditar, e isso era o suficiente.

— Eu não preciso mais duvidar. O mundo é mágico, e eu acredito. Vamos sair desse ciclo, e você, Romãozinho, não vai mais controlar nossas escolhas.

Romãozinho recuou, sua expressão era de raiva. Ele não queria que aqueles dois saíssem impunes depois de tudo, mas, mesmo com sua sede de vingança, ele parecia perder o controle sobre o que antes parecia fácil de controlar. O loop começou a se desfazer, as distorções foram desaparecendo aos poucos, e o mundo ao redor deles voltou ao normal. Mas agora, Kaique sentia que ele não era mais o mesmo. Sentia que a razão, antes inabalável, tinha dado lugar a crenças que ele antes achava inexistentes.

Quando a Biblioteca se desfez e o último vestígio do loop desapareceu, Kaique se virou para Alan e sorriu. Ele não sabia sobre quase nada, mas sabia que, se estivesse do lado do amigo, as respostas e a vida seriam mais fáceis.



“VOCÊS SÃO ADULTOS AGORA, MAS
PRECISAM PENSAR COM O CORAÇÃO
DE CRIANÇA, NÃO DEIXEM DE
ACREDITAR!”

CAPÍTULO 04

Mas mexer com a natureza tinha consequências graves, que eles teriam que encarar. Kaique e Alan perceberam que a cidade que conheciam, com suas lendas, heróis e mistérios — a cidade que era um símbolo de resistência — agora parecia estranha, distante, como se o tempo tivesse passado. Eles não sabiam o que tinha acontecido, mas algo estava claramente fora do lugar.

Não só isso tinha mudado, mas também eles próprios, que agora estavam adultos, com as faces cansadas, cheias de linhas de expressão, de um tempo que simplesmente nunca tiveram.

— O que aconteceu com a gente, Alan? — falou Kaique, preocupado. — Você está alto, e não é mais o mesmo. Está adulto, e eu também sinto que não sou mais o mesmo.

— Realmente, Kaique, você também está adulto — respondeu Alan, em um tom de voz surpreso.

— Além disso, onde está todo mundo? A cidade está estranha.

Alan sentiu uma dor no peito e, respirando pesadamente, olhou para seu amigo, com a mesma angústia com que era olhado. Parecia que haviam perdido um tempo que lhes pertencia, sem ter podido aproveitá-lo.

— Vamos até a escola, lá talvez tenha alguém — disse Alan, com esperanças.

Eles chegaram até a escola, um lugar que conheciam bem, mas a entrada estava fechada e vazia. O silêncio era opressor, e o medo começou a tomar conta dos dois. Eles não sabiam onde buscar respostas, e a sensação de desamparo só aumentava.

— Acho que... acho que estamos sozinhos aqui — disse Kaique, com a voz tremendo. — O que aconteceu com Sankofa? Com todos?

Enquanto se afastavam da escola, começaram a reparar que, ao redor deles, não havia mais os conhecidos rostos de seus amigos, nem a presença reconfortante dos seus pais, que sempre estiveram por perto. O ar parecia mais denso, e, mesmo com o calor do dia, uma sensação de frio se espalhava pelos seus corpos.

— O tempo... ele foi alterado — murmurou Alan, olhando para o céu, onde nuvens escuras começaram a se formar, cobrindo o sol, indicando que uma tempestade logo viria.

Kaique olhou para Alan e, pela primeira vez, percebeu como seu amigo estava mais sério, mais maduro. Como se a magia que os envolvia tivesse deixado marcas visíveis em ambos, talvez enquanto, dentro daquela falsa realidade, reviviam várias vezes no dia a mesma situação, o tempo aqui fora passava de forma acelerada.

— O que vamos fazer, Alan? — Kaique perguntou, percebendo que Alan também não sabia a resposta.

Alan deu um passo à frente, ainda com a concha de Oxum no bolso, agarrando-se a ela e lembrando das palavras de Núbia: “Não a perca, ela vai te proteger, Oxum estará sempre contigo.”

— Precisamos descobrir as respostas e corrigir o que aconteceu — disse Alan com firmeza.

Eles sabiam que, ao romper com o loop, haviam mexido com forças além de sua compreensão, e agora as consequências estavam diante deles. O que eles não sabiam era que, para cada ação, existia uma reação, e o que haviam alterado não poderia ser desfeito sem grandes sacrifícios.

Enquanto caminhavam em busca de respostas, as ruas pareciam se distorcer ao redor deles. As casas estavam vazias, as lojas fechadas e sem vida. Um sentimento de desolação tomava conta do lugar. Kaique olhou para Alan e, pela primeira vez, sentiu o peso da responsabilidade sobre

seus ombros. Eles haviam mudado o curso do destino, mas não sabiam como reverter.

De repente, uma voz suave, mas poderosa, soou atrás deles. Era a mesma voz do *êre* que havia guiado Kai-que anos antes.

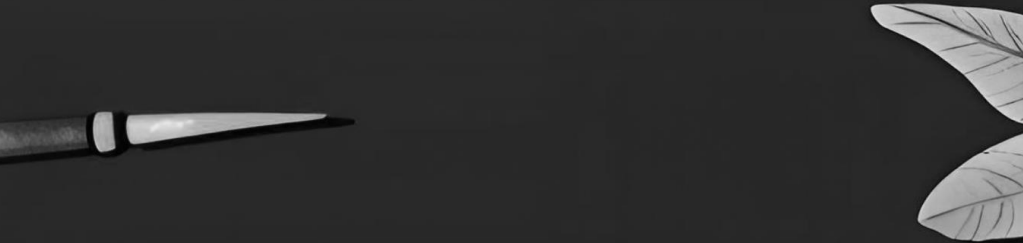
— Vocês vão conseguir achar as respostas que precisam. Vocês são adultos agora, mas precisam pensar com o coração de criança, não deixem de acreditar!

Kaique e Alan se viraram rapidamente, tentando identificar de onde a voz vinha. Mas a rua estava deserta, não havia ninguém à vista. Sentiram o peso das palavras da voz em seus corações. Eles não sabiam exatamente o que estava acontecendo, mas sabiam que não podiam voltar atrás. Algo precisava ser feito, mas eles teriam que ser mais fortes do que nunca para lidar com as forças que agora estavam descontroladas.

O que restava era lutar para entender o que havia acontecido, tentar desfazer o que estava errado e, talvez, aprender que a magia, por mais poderosa que fosse, exigia respeito e equilíbrio.

— Vamos descobrir o que aconteceu — disse Alan, com os olhos fixos no horizonte, onde o céu começava a escurecer ainda mais, como se o mundo estivesse aguardando uma decisão crucial.

Kaique olhou para Alan e, com um suspiro profundo, sentiu uma nova determinação tomando conta de seu ser.



“SABIA QUE AS MEMÓRIAS DEVERIAM
FICAR VIVAS, E ERAM ASSIM QUE
NASCIAM AS LENDAS: DAS
MEMÓRIAS.”



CAPÍTULO 05

Quando Kaique e Alan se deram conta do pesadelo que estavam sofrendo, amargurados e amaldiçoados a viver em uma cidade fantasma, a concha de Oxum começou a se quebrar sozinha. Uma luz dourada emanava da concha de Oxum, se intensificava e rodeava Alan de uma maneira arrebatadora, preenchendo o ambiente com um calor acolhedor, mas também carregado de despedida. Alan olhou para Kaique, que parecia paralisado, com seus olhos amedrontados, sem saber o que fazer.

— Alan, o que está acontecendo? — perguntou Kaique, sua voz saía trêmula.

Alan sentiu a energia de Oxum envolvê-lo completamente. Era como se ele tivesse sido levado a um plano onde o tempo e o espaço não existiam. Em seus olhos, ele conseguia ver tudo: as estrelas, o sol e as águas. Foi naquele lugar submerso que ele ouviu a voz doce, mas firme, de Oxum:

— Alan, para que o ciclo seja restaurado e o tempo volte a fluir da maneira como deve, um sacrifício é necessário. Alguém deve carregar o peso das memórias de tudo

o que viveram. As memórias de um acontecimento devem estar vivas em pelo menos um de vocês. Isso faz parte das leis que regem o universo, e só assim vocês conseguirão proteger o equilíbrio da natureza, que foi quebrado quando entraram naquele portal. Você estaria disposto, Alan?

Por um instante, Alan hesitou. Queria dizer não e voltar para a sua vida. Renunciar a tudo era muito doloroso, mas ele entendia o que Oxum falava mais do que ninguém. Tentou pensar no seu guerreiro favorito, Sundiata Keita e a guerreira Yaa Asantewaa. Pensava que eles também passaram por grandes desafios, talvez também tenham tido que sacrificar a própria vida, pensou nos Orixás, em Oxum com quem conversava naquele momento. Sabia que as memórias deveriam ficar vivas, e eram assim que nasciam as lendas: das memórias. Pensou novamente em recuar, mas, ao olhar para Kaique, um sentimento estranho o preencheu. O conhecia desde que eram muito pequenos; para ele, Kaique era mais que um amigo, era um irmão, e achava que ele, pelo menos, merecia um final feliz.

— Sim, Oxum. Se é isso que precisa ser feito, eu aceito.

De volta à Sankofa, uma luz começou a envolver Kaique, passando por todo o seu corpo. Lentamente, sua aparência começou a mudar; os traços de velhice da vida adulta iam o abandonando. Agora, ele parecia mais jovem,

mais inocente, como se estivesse regredindo à infância. A concha de Oxum se desfez completamente, transformando-se em um pó dourado, enquanto o corpo de Alan que também tinha voltado a infância começou a se desfazer, transformando-se em poeira. A última coisa que Kaique viu foi o sorriso de Alan, cheio de ternura, antes de ele desaparecer completamente. Kaique correu, tentando a todo custo segurar aquela poeira para que ela não escapasse por entre seus dedos antes que se fosse, mas era impossível.

— Alan! Não! — gritou Kaique, mas Alan havia partido.



Amanheceu na cidade de Sankofa. Kaique acordou com uma sensação estranha de tristeza, embora não soubesse o motivo. Algo parecia fora do lugar, mas ele não conseguia lembrar o quê. "Bom, não importa", pensou. Hoje era seu aniversário: 12 anos. Nos últimos tempos, Kaique vinha se sentindo mais solitário do que de costume. Mesmo assim, decidiu que o dia seria especial. Após lavar o rosto, escovar os dentes e se vestir, desceu as escadas. Foi

recebido pelos gritos calorosos de seus pais: — Parabéns, filho! Doze anos! E já é o nosso orgulho! Kaique sorriu e, num gesto raro, abraçou os dois, beijando suas bochechas, como se não os visse há muito tempo.

Comemorou seu aniversário com seus pais, mas também queria comemorar com João e Antônio, então combinaram de se encontrar no Parque Dandara dos Palmares

Eles estavam rindo de uma lenda sobre um espírito que vagava pelas terras de Sankofa, conhecido como "o Menino do Tempo Perdido". Diziam que ele aparecia em momentos de desequilíbrio, sussurrando conselhos às pessoas que estavam prestes a cometer erros que poderiam alterar o fluxo natural do tempo e da vida. Já outros diziam que Alan, o Menino Perdido, aparecia para pessoas incrédulas que debochavam de outras lendas, tentando alertá-las do perigo de brincar com as forças da natureza. Diziam que ele era calmo, mas melancólico.

— Nossa! As pessoas realmente creem nessas coisas, inacreditável — falou, rindo, sem perceber que estava rindo do sacrifício de seu melhor amigo.

— Pois é, com tanta tecnologia, acreditar nisso... como pode, né? — dizia Antônio.

— Concordo com vocês — falou João.

Enquanto Kaique se afastava em direção à sua casa, satisfeito por ser cético, olhou para os vidros de uma loja e

se atentou ao seu próprio reflexo no espelho. Ele se viu como uma criança diferente do que era, com os olhos cheios de magia e esperança. Ao seu lado estava Alan, também criança, com um olhar melancólico, observando-o. Era como se ele dissesse:

"Um dia, talvez, você se lembre."



FIM

GLOSSÁRIO

- Amina: nome dado a bibliotecária, que foi inspirado na Rainha Guerreira de Zazzau (atual Zaria, no norte da Nigéria).
- Dandara dos Palmares: guerreira independente, participava ativamente tanto das batalhas quanto da organização de Palmares.
- Déjà vu: é a sensação de que uma situação que estamos vivendo já aconteceu antes, mesmo sabendo que é a primeira vez que a experienciamos. Esse fenômeno ocorre quando o cérebro interpreta uma nova experiência como familiar, criando a impressão de repetição ou de "memória" de algo já vivido. A causa exata do déjà vu ainda não é completamente compreendida, mas pode estar relacionada a processos de memória e percepção.
- Êres: são manifestações espirituais das crianças na Umbanda e no Candomblé.

Representam a pureza, a alegria e a simplicidade, atuando como mensageiros dos orixás. Quando incorporados pelos médiuns, os êres têm um comportamento infantil, mas carregam grande sabedoria e poder de cura. Eles transmitem conselhos, bênçãos e proteção de forma lúdica e carinhosa, trazendo leveza e renovação espiritual para os seguidores. Apesar de sua aparência inocente, os êres são espiritualmente fortes e desempenham um papel essencial nos rituais, promovendo harmonia e esperança.

- Loop: é um termo utilizado para descrever um processo ou sequência que se repete continuamente, sem interrupção. No contexto de programação, é uma estrutura que permite a execução repetida de um conjunto de instruções até que uma condição específica seja atendida. Em um sentido mais amplo, pode se referir a qualquer situação ou ciclo que se repete, como em um "loop temporal", onde eventos se repetem indefinidamente.

- Mãe-de-santo: é uma liderança espiritual afro-brasileiras, ligada ao Candomblé e a Umbanda. Ela atua dentro do contexto espiritual como guia, conselheira e intermediária entre os orixás (ou entidades espirituais) e os seguidores de sua comunidade. Responsável por realizar rituais, cuidar do axé (energia espiritual) do terreiro e orientar seus filhos de santo, ela é uma figura de grande sabedoria e respeito, transmitindo os ensinamentos e tradições ancestrais. Além disso, a mãe de santo desempenha um papel social importante, acolhendo e apoiando aqueles que buscam sua ajuda.
- Machado de Assis: (1839–1908) foi um dos maiores escritores do Brasil, pioneiro do Realismo no país e fundador da Academia Brasileira de Letras. De origem humilde, destacou-se com romances como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, famosos por sua ironia, análise psicológica e crítica social. Sua obra, que inclui contos, poesias e crônicas, explora temas como a vaidade humana e as complexidades das relações. Considerado

universal, Machado segue influenciando a literatura e a cultura mundial.

- Orixá: consideradas forças da natureza ou espíritos ancestrais que governam diferentes aspectos da vida humana, como o amor, a saúde, o trabalho e a guerra. Cada orixá tem características específicas, sendo associado a elementos da natureza, como água, fogo, terra e ar.
- Oxum: é um dos mais importantes orixás das religiões afro-brasileiras, sendo a divindade das águas doces, da fertilidade, do amor e da riqueza. Ligada às cachoeiras, rios e lagos, Oxum simboliza a força criadora e regeneradora da água, que nutre e sustenta a vida. Sua presença é marcada pela delicadeza, beleza e sabedoria, mas também por uma força inabalável, mostrando sua dualidade como protetora e guerreira. Com o passar do tempo, Oxum também é vista como guardiã do tempo, das memórias ancestrais e da continuidade das tradições. Oxum ensina a importância da paciência e do cuidado,

inspirando devoção e respeito entre seus seguidores, que a veem como mãe, conselheira e guia espiritual.

- Romãozinho: é um mito do Centro-Oeste e Nordeste do Brasil, que conta a história de um menino amaldiçoado pela mãe devido às suas maldades. Ele se torna uma figura errante, trazendo caos e violência por onde passa, com ações cruéis, como agredir animais, causar brigas e destruir propriedades. Sua maldição começa quando, sendo um menino travesso, rouba a comida que leva para seu pai, causando a morte da mãe após uma mentira cruel. A mãe, antes de morrer, amaldiçoa o filho, transformando-o em uma entidade que perambula pelo mundo, realizando maldades de diferentes formas. Dependendo da versão, ele aparece com características de um duende ou com uma chama misteriosa, e suas ações variam desde pequenas travessuras até atos violentos graves. A história é uma mistura de perversidade e lamento, refletindo a punição de um comportamento destrutivo.

- Sankofa: o símbolo de origem africana, está ligado à ideia de que é importante aprender com o passado para poder avançar no presente e no futuro.
- Sundiata Keita: fundador do Império do Mali conhecido por sua habilidade de liderança, sua força de vontade e sua visão estratégica.
- Umbanda: é uma religião afro-brasileira, com ênfase na comunicação com espíritos de guias, orixás e ancestrais. A prática envolve rituais, cânticos, danças e oferendas, buscando promover a cura, proteção e orientação espiritual.
- Yaa Asantewaa: rainha do Reino Ashanti, situado no que hoje é a região de Gana, conhecida por sua coragem, liderança e resistência na luta contra a colonização britânica.
- Zambi: ou Nzambi, é uma divindade suprema nas tradições religiosas de origem bantu, como o Candomblé de Angola, Congo

e a Umbanda. Representa o criador do universo, associado à força vital e à manutenção da ordem cósmica. Zambi é reverenciado como fonte de vida, sabedoria e proteção espiritual, sendo um símbolo de conexão entre os seres humanos e o sagrado.

- Zumbi dos Palmares: líder quilombola, símbolo da resistência negra contra a escravidão no Brasil.

Sobre o autor

Micaely é autista e, desde a infância, sempre foi uma pessoa curiosa e introspectiva. Começou a escrever aos seis anos, criando histórias sobre personagens animais abandonados à própria sorte por serem diferentes dos outros — uma metáfora para como ela mesma se sentia. Nascida em São Paulo, mudou-se para o Paraná aos 17 anos, onde vive até hoje.

Seu primeiro livro publicado foi *Jabel, o Rato Cinza*, em 2021. A obra aborda o autismo de forma didática e sensível, conquistando leitores de todas as idades. Ainda no mesmo ano, lançou *Quando Não Falo, Escrevo*, um compilado de textos escritos ao longo de quatro anos, nos quais traduziu momentos de profunda tristeza e melancolia em palavras.

Já em 2022, publicou *Contos Micabolantes*, um livro de magia e fantasia que mistura histórias em prosa poética. O título faz uma brincadeira com seu nome, Micaely, e a palavra "mirabolantes", refletindo a originalidade e a imaginação presente na obra. Micaely dedica-se principalmente à poesia e ao universo infantil, criando histórias que convidam à superação e ao acolhimento.

Suas narrativas são permeadas por sentimentos profundos, dando voz a temas que, em tempos passados, pareciam invisíveis — como retratado em *Quando Não Falo, Escrevo*. Seu trabalho é uma celebração da diferença, da sensibilidade e da força de transformar a dor em arte.